

► Impactos que a floresta me proporcionou

JATOBÁ MARANHÃO agradece a Selva Florestal pela contribuição ambiental e pela grande expectativa positiva de receita. **Pág. 04**



Empresa Selva Florestal

Além da produção, tem um olhar atento para o mercado.
Pág. 02

Conheça a floresta do escritor Augusto Cury

Campeão de vendas de livros, o médico psiquiatra é o maior plantador de mogno-africano do País.
Pág. 08

Cacau sustentável

Hoje, 63% das plantações de cacau da companhia Nestlé são regenerativas, a meta é chegar a 100% em 2025 por meio do programa Cocoa Plan. Veja os chocolates que já usam o cacau 100% sustentável.
Pág. 23

Nova onda de calor atinge o Brasil em outubro

A forte onda de calor que acometeu o país na segunda quinzena de setembro voltou em outubro.
Pág. 33



Fundada em 2006 por Rodrigo Azevedo, a Selva Florestal é pioneira no Estado de Goiás na produção de mudas nativas de mogno africano. Localizada em Porangatu-Goiás, a empresa conta com a capacidade anual de produção de 1 milhão de mudas.

Além da produção, tem um olhar atento para o mercado. Composto por 500 hectares de floresta de mogno africano, o polo Mahogany é um investimento para quem não tem terra, tempo ou conhecimento de gerenciar uma floresta para alta produção. Com investidores de diversos países, o polo Mahogany possibilita e faz a união com ações de

sustentabilidade, preservação do meio ambiente e retorno financeiro, uma vez que o ciclo da madeira é de 18 anos, os ganhos estão associados às sementes e a madeira processada nos três ciclos de cortes.

O polo Mahogany está gerando de receita por negócios fechados, o equivalente a R\$ 36 milhões.

Para negócios futuros, a estimativa está em R\$ 225 milhões. Isso com a cotação atual da comercialização da madeira.

Florestas com essa densidade tem chamado a atenção de certificadoras de crédito de carbono, que é uma tendência mundial. Uma defensora das metas da ODS, a Selva Florestal está em constante progresso e em fase de certificação de **Empresa B**.

Inconformados e sempre atentos às inovações de mercado, Rodrigo e o Grupo Selva, estão desenvolvendo vários projetos. O mais recente que será lançado em breve é o Crowdfunding.

Mas, por que o Mogno Africano?

O desenvolvimento de florestas de várias espécies do mogno africano, vem mostrando excelentes resultados no País. Dentre elas, a espécie *Khaya Senegalensis* que tem maior destaque e é a mais resistente a seca e menos exigente em relação a água ou seja, tem maior adaptação e desenvolvimento na maior parte de território brasileiro.

O Mogno é cultivado por muitos como atividade secundária, um investimento, uma diversificação, uma aposentadoria verde, algo que pode ser passado de geração para geração como é feito na cultura Finlandesa.

Como o Mogno chegou ao Brasil?

O mogno-africano chegou ao Brasil por intermédio do ministro da Agricultura da Costa do Marfim em 1973. Ítalo Claudio Falesi, pesquisador da Embrapa Oriental, em Belém (PA), re-

cebeu de presente, um punhado de sementes, tiradas do bolso de uma túnica colorida. "A comitiva visitou a Região Amazônica e passou pelo Instituto de Pesquisa Agropecuária do Norte, que hoje é a Embrapa. Ele enfiou a mão no bolso, tirou as sementes e me deu. Disse que era ouro verde, ouro do futuro", lembra o pesquisador, que no outro dia as plantou. "*Hoje, são seis árvores de grande porte, com cerca de 30 metros de altura, 1,30 metro de diâmetro, que estão com 44 anos de idade*", diz ele. "*São as matrizes das florestas de mogno-africano no Brasil.*" (À época da entrevista) - Rodrigo acredita que é um mercado pouco explorado no Brasil, "*Cada vez que vejo o mogno africano sendo destaque como foi na Forbes Agro, no Globo rural, na reportagem da floresta do escritor Augusto Cury e na Casa Cor Minas, tenho plena certeza de que estou no caminho certo*", - pontuou Rodrigo.

“Venha fazer parte da maior associação de produtores de Mogno do Brasil. Aqui o produtor sempre caminhará bem acompanhado.”



| abpma

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS
PRODUTORES DE MOGNO AFRICANO



/ABPMA Oficial www.abpma.org.br



producaoabpma@gmail.com



(31) 99982 1426

Impactos que a floresta me proporcionou

Quando se pensa em plantar Mogno, logo se visualiza uma roça com muito serviço e um manejo à base de foice e enxada. Foi essa a minha impressão. Mas com a consultoria do Rodrigo e da Thais eu pude me desligar dessa impressão medíocre. Eu percebi que se tratava de um projeto grandioso mesmo em área pequena. Comecei o meu plantio com 600 árvores. Eu vi que a planta é exuberante, imponente e com capacidade de resistência à estiagem.

Foi fundamental a intervenção da Selva Florestal no manejo do meu projeto, pois todos os direcionamentos técnicos são precisos, e se aplicados corretamente não tem como dar errado.

Até quanto as ameaças ao plantio os investidores foram precavidos por meio de lives, visto que em 2021



estávamos em Pandemia, mas mesmo assim, a Selva não deixou de acompanhar os seus parceiros com os devidos cuidados para proteger os investimentos. Isso é senso de RESPONSABILIDADE. PARABÉNS!

Eu sou muito grato à Selva Florestal por me colocar no caminho do sucesso.

Daqui pra frente, agora é só pra frente. Tanto é que minha expectativa é ampliar ainda mais meu projeto.

A minha cidade **JATOBÁ MARANHÃO** agradece a Selva Florestal pela contribuição ambiental e pela grande expectativa positiva de receita.

Impactos da selva florestal na minha vida.

Tudo começou quando eu procurava meios de segurança financeira para garantir o futuro da minha família, pois sou casado com a Josirene e tenho duas lindas filhas gêmeas, Lara e Laila. Minha infância, juventude e parte da minha vida matrimonial foi muito cruel e com restrição financeira.



Mas me dispus a caminhar buscando um caminho seguro no mercado para cumprir com as minhas responsabilidades familiares. Me deparei com várias aplicações variáveis, fixas e virtuais, como as criptomoedas. No entanto, não depus muita confiança em nenhuma dessas alternativas, visto que muitas delas estão fragilizadas e imprevisíveis em detrimento da segurança política e jurídica do nosso País.

Por fim, Deus me direcionou ao conhecimento do Rodrigo Azevedo e da Thais, patronos da Selva Florestal, que me levaram a conhecer o investimento em Mogno Africano. Foi amor à primeira vista, pois essa não é uma mera alternativa de segurança financeira, esta é **A ALTERNATIVA**. A mais segura que conheço, e o melhor, não tem prazo de validade. O Mogno Africano é como o vinho: **Quanto mais velho mais valioso**.

A Selva Florestal tirou de mim e da minha família a

preocupação quanto incerteza financeira. Hoje sou realizado por estar concretizando minha aposentadoria verde, por estar contribuindo com o planeta quanto sua sustentabilidade, oferecendo um ambiente melhor para a proliferação da biodiversidade, diminuindo os impactos climáticos e gerando renda na localidade do plantio.

Hoje sou influenciador na minha região. Algumas pessoas já plantam e outras estão com as expecta-

tivas a todo vapor para comecem a plantar porque viram o quanto é rentável e seguro este investimento. A Selva Florestal está, de fato, cumprindo sua missão que é a de despertar as pessoas a crescerem financeiramente e oferecer o melhor investimento que é a plantação de Mogno Africano.

Eu sou mognista. Eu sou realizado.

Nome: Ineudivan Santos Silva
Atividade profissional: Pedagogo
Tamanho do plantio: 1 hectare
Ano do plantio: 2021

**ANUNCIE
AQUI
62 9198-4904**

Conheça a floresta do escritor Augusto Cury

Campeão de vendas de livros, o médico psiquiatra é o maior plantador de mogno-africano do País.

Um homem rico não é aquele que tem dinheiro. Um homem rico é aquele que faz muito com o pouco que tem. Repetindo esse mantra, o escritor e médico psiquiatra Augusto Cury, um dos autores mais lidos da década, com 25 milhões de livros vendidos em 70 países, caminha tranquilo por uma de suas florestas em Prata (MG). A área, de 600 hectares, abriga um grande plantio de mogno-africano e é um dos lugares onde ele busca inspiração para suas obras. *"Aqui eu me reciclo"*, diz o escritor, que, entre um passo e outro, aprecia *"a orquestra das folhas sob a regência do maestro vento"* e conta sua história. *"É o verdadeiro som da paz e do equilíbrio da mente"*, afirma.

Augusto é atualmente o maior plantador de mogno-africano do Brasil. Começou a investir em reflorestamento em meados de 2005, quando comprou propriedades rurais no Triângulo Mineiro. Nas fazendas Serra Branca e África, que até então eram repletas de pastos degradados, apostou no plantio de 600 hectares da espécie, com a finalidade de produzir madeiras nobres e reduzir a pressão sobre a Amazônia; 700 hectares de seringueiras, para extrair o látex; e 8 hectares de mogno-brasileiro, *"para apreciar"*. A essa empreitada ele deu o nome de Projeto Florestas. Em outra área, cria gado senepol. *"Reflorestar uma grande área é um sonho, um dever como produtor rural e figura pública, e a*

escolha do mogno-africano foi muito estratégica”, diz.

Além do potencial socioeconômico da floresta, os negócios rurais de Augusto Cury têm a ver com a teoria da inteligência multifocal, criada por ele nos anos 1990 e hoje aplicada em um sistema de ensino infantojuvenil que já alcançou 250 mil estudantes. Ele se inspirou na fauna brasileira para ensinar aos alunos o controle da mente. *“É um programa de educação socioemocional que gera educação ambiental: cada animal luta por sua espécie, simbolizando os seres humanos defendendo suas filosofias, religiões, posicionamento político, famílias. Mas, nessa competição, eles se esquecem de cuidar do ecossistema e a floresta deles pega fogo, acaba. Então, eles precisaram se reconstruir, se reciclar para sobreviver, conviver harmonicamente para alcançar o tão almejado sucesso”, diz ele.*

Demanda por mogno-africano na Europa e nos Estados Unidos tem aumentado ano a ano.

Fazendo uma alusão à reconstrução e à reciclagem do pensamento e das emoções, ele compara o método ao funcionamento de uma floresta - a folha cai, apodrece, fertiliza o solo para o novo cultivo - e conta como o contato com a natureza pode combater a ansiedade e a depressão. *“Vivemos a era dos mendigos emocionais: pessoas ansiosas, correndo, em estado constante de alerta. Quando você entra em contato com a natureza, estabelece uma conexão positiva na mente”, diz. “Percebendo a importância da natureza na mente humana, decidi investir nas duas pontas: educação e meio ambiente.”*

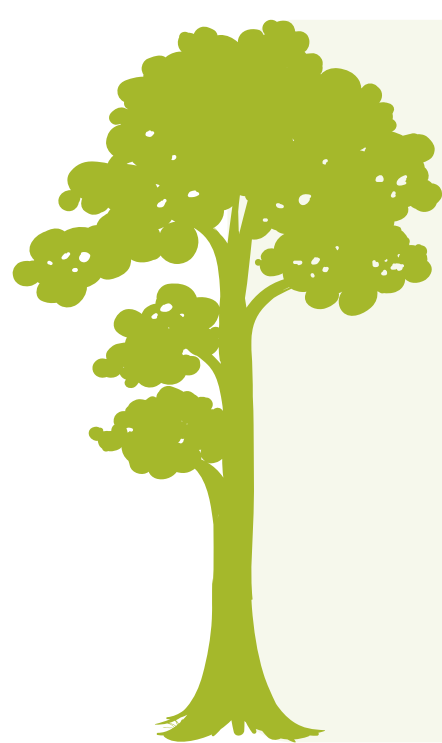
Florestas em crescimento.

As florestas de mogno-africano no Brasil ocupam uma

área ainda pequena, de 28.000 hectares, de acordo com a Associação Brasileira dos Produtores de Mogno Africano (ABPMA). Para se ter uma ideia, a área reforestada com eucalipto, conforme dados do relatório anual do Instituto Brasileiro de Árvores (Ibá), em 2016 foi de 5,7 milhões de hectares e com pínus, 1,6 milhão de hectares. *“Ainda são áreas pequenas, que vão de 50 a 100 hectares, mas estão se expandindo num ritmo acelerado”*, diz Patrícia Fonseca, diretora executiva da ABPMA. Se-

gundo ela, a maioria dos plantios está em Minas Gerais, mas o crescimento tem sido forte na Região Centro-Oeste.

Em Prata, Augusto Cury começou com 30 hectares, em 2006, passou para 220 hectares, em 2008, 500 hectares, em 2011, e para 600 hectares, em 2014. No ano que vem, chegará a 700 hectares. Bem diferente da floresta de seringueira, árvore que não tem a finalidade de produzir madeira e que foi toda implantada de uma só vez.



O MOGNO-AFRICANO pertence à família das khayas. No Brasil, foram introduzidas as variedades *Khaya ivorensis*, *Khaya senegalensis* e a *Khaya anthoteca*. A escolha das variedades depende da análise edafoclimática (relação planta, solo e clima) da região onde se pretende plantar.

Augusto conta que, até decidir qual espécie de árvore iria plantar, estudou muito. Ele queria uma espécie que capturasse gás carbônico e fosse rústica e emblemática. Mas nascido e criado em uma fazenda

em Colina, no interior de São Paulo, ele sabia que não bastava querer – a espécie tinha de ser adaptável às condições de clima e solo do local.

“Analisei o cultivo de teca, que tem um ciclo mais lon-

go. *Investimos em um pequeno plantio de mogno-brasileiro, que se mostrou inviável, devido à broca das ponteiros (praga que provoca excesso de galhos que nascem no fuste), até chegarmos ao mogno-africano *Khaya ivorensis*”, diz. “Também tentamos o *Khaya senegalensis*, mas essa escolha tem de ser baseada nos índices pluviométricos da região.”*

Por conta desses testes, as fazendas Serra Branca e África têm remanescentes de florestas mistas, de mogno-brasileiro, duas variedades de mogno-africano (além da *Khaya ivorensis* e *Khaya senegalensis*, ainda existe a *Khaya anthoteca*), teca e árvores nativas. *“Não vamos derrubar”, afirma Augusto, que consegue visitar a área “mais ou menos” a cada três meses, quando tem uma brecha na agenda.*

Atualmente, ele mora nos Estados Unidos, onde ministra palestras no Vale do Silício e trata de negócios com a turma de Hollywood.

Uma de suas obras, *O vendedor de sonhos*, que já foi para o cinema em 2016, sob a direção de Jayme Monjardim, vai virar seriado. O ator e produtor Jim Carrey vai produzir a série e a Warner Bros pretende fazer séries baseadas em outros dois livros seus. Quem toca a fazenda é a filha, Cláudia Cury, que é agrônoma, e dois funcionários. *“Eles passaram parte de suas vidas plantando essas árvores, lidando com os problemas e encontrando soluções. São especialistas que abraçaram a causa, ou melhor, que abraçaram essas árvores.”*



Outra fazenda mineira

De família tradicional no setor cafeeiro, o empresário Leonardo Tavares apostou no cultivo integrado de café com mogno-africano. Ele comprou a Fazenda Primavera em 2010 para cultivar o grão e, como seu pai, Ricardo Montesanto Tavares, já plantava 500 hectares de mogno-africano em Pirapora (MG), apostou na espécie para suprir uma demanda do cafezal: o sombreamento. *“A floresta de mogno foi plantada com o café para garantir mais qualidade aos grãos, que precisam de sombra”*, explica. Leonardo diz que a floresta protege o café das inversões térmicas, típicas da região, onde durante o



Leonardo Montesanto Tavares, que consorcia mogno-africano com café

dia faz muito calor e à noite muito frio. *“A primeira safra colhida após a integração foi premiada pela alta qualidade”*, conta o empresário, que vende 100% do café no mercado externo, com o nome de Mahogany Coffee. Na safra de 2016, ele colheu 18 mil sacas.

Patrícia Fonseca, da ABP-MA, diz que não é só o café que tem obtido sucesso em integrações com o mogno-africano e há produtores apostando na integração com pimenta-do-reino, mamão e gado em muitas regiões brasileiras. João Emílio Duarte, consultor da associação, diz que a pimenta-do-reino e o mamão podem ajudar o produtor a obter renda nos primeiros anos de cultivo. Quando as árvores já estiverem grandes e suas copas sombrearem totalmente a área, é possível inserir o gado na floresta.

Texto Viviane Taguchi

Fotos: Sérgio Zacchi

Publicação: Revista Globo Rural

Adaptação: Imprensa Revista Selva Florestal

Produtor de mogno africano monta projeto para beneficiar madeira nobre



O produtor Ricardo Tavares, que cultiva mogno africano na fazenda Atlântica Agro, no município de Pirapora (MG), precisou dar um salto nos negócios que realiza com esse cultivo. Dono de 515 hectares de árvores plantadas, o produtor decidiu criar a empresa R3 Mogno para prosseguir com o beneficiamento da madeira. O projeto inicial é desbastar 210 árvores por hectare.

“O mogno jovem tem que ser beneficiado para ser vendido, ou seja, tem que

ser serrado e seco com qualidade”, diz Tavares. “O nosso volume de madeira é grande, por isso, estou montando um centro de beneficiamento para colocarmos o mogno africano no mercado nacional e internacional até o final do ano.”

Tavares é exemplo de cultivo de árvores plantadas com potencial crescente de mercado. O mogno africano começou a ser plantado no Brasil há pouco mais de 20 anos, com as primeiras florestas no estado do

Pará. Na fazenda de Tavares, a madeira das florestas plantadas com sementes oriundas das árvores pioneiras está em fase de primeiros cortes e começa a ser beneficiada. Atualmente, existem mais de 60 mil hectares plantados, com florestas presentes em 12 estados brasileiros e em quase 50 municípios.

Produtores já comercializam a madeira nobre do mogno jovem e outros estão em processo de preparação para o beneficiamento. É o caso de Tavares, que, além de produtor, é presidente da ABPMA (Associação Brasileira dos Produtores de Mogno Africano), entidade criada há 12 anos. "A ABPMA é um grupo, que trabalha em conjunto, para tornar o Brasil o maior produtor de floresta plantada de mogno africano do mundo. Com uma ótima adaptação no solo do Brasil e pelo grande interesse na plantação criaremos um ciclo de corte versus plantio inesgotável", diz ele.

Ricardo Tavares, produtor e presidente da ABPMA

Tavares acredita que o país pode se tornar um produtor de relevância dessa madeira e não é somente ele que vê futuro na empreitada. E de negócios, o empresário Tavares entende. Na década de 1980, foi fruto ele que projetou a marca Café Três Corações como um produto nacional, até que em 2000 a empresa foi vendida por US\$ 41 milhões à atual proprietária, a israelense Strauss-Elite. Tavares também criou a marca Suco Mais, de bebidas naturais, que em 2005 ele vendeu para a Coca-Cola, na época por R\$ 110 milhões. Tavares, que é o controlador do Grupo Montesanto Tavares, hoje é um grande produtor e exportador de cafés premium.

Em março, o ITTO (International Tropical Timber Organization), órgão mundialmente conhecido por suas publicações sobre o mercado de madeiras nobres, divulgou uma nota

sobre o mogno africano em que ressalta sua importância no mercado brasileiro: “O mogno africano cultivado em plantações no Brasil está prestes a mudar o mercado de madeira. O mogno africano representa um alto potencial de investimento para os produtores brasileiros e é uma alternativa ao mogno brasileiro, que está listado como espécie ameaçada de extinção. (...) Estabelecer plantações de mogno não apresenta problemas intransponíveis e as árvores estarão prontas para colheita após 20 anos.”

Árvores de mogno cultivado se tornam produto para o mercado

O interesse no mogno africano cresceu no Brasil porque essa madeira pode substituir a espécie brasileira, que está em extinção. A madeira africana preserva as florestas nativas do Brasil e tem se tornado uma alternativa para evitar

o corte de outras madeiras nobres que também correm o risco de extinção. A atividade florestal proporcionada pelo plantio do mogno africano atenua a pressão sobre matas nativas, recupera solos degradados e promove a conservação do solo. Os projetos viabilizam atividades locais, criam oportunidades de renda adicional e auxiliam na fixação do homem no campo.

Além disso, segundo a entidade, o mogno africano possui retorno rápido: a partir dos 12 a 15 anos de plantio, os produtores começam os primeiros desbastes das florestas, e essa madeira, mesmo jovem e com valor inferior ao da madeira adulta, já pode ser beneficiada e encontrar seu mercado. Para a madeira adulta ser aceita amplamente no mercado de madeiras nobres, as florestas levam de 18 a 20 anos. Outras espécies, como os ipês, precisam de 40 anos para chegar ao ponto de corte.

Além do cultivo, a ABPMA tem feito um trabalho de peso para colocar a árvore como solução ao consumidor. “Estamos mostrando aos arquitetos, designers e construtores a potencialidade dessa madeira, que é sustentável, ecologicamente correta, bonita, de uma forma diferente como madeira exótica, e plantada aqui dentro, no Brasil, não sofrendo restrição de corte”, afirma Patrícia Fonseca, diretora-executiva da ABPMA.

Divulgação_R3

Móveis de mogno africano apresentados na Casa Cor. O trabalho vem dando frutos. O mogno africano tem ocupado espaços em mostras de arquitetura, design e decoração em todo o país nos últimos anos e a presença em grandes premiações. A instalação Siré (Xirê), do designer mineiro Gustavo Greco, acaba de receber um dos maiores prêmios internacionais do segmento, o iF Design Award. A peça exposta na

Casacor Minas em 2021 era composta por 515 cobogós de mogno africano, representando elementos da religiosidade africana, ligados à origem da madeira.

“O mogno africano nos pareceu a melhor escolha para dar materialidade à nossa ideia. Foi a primeira vez que trabalhamos com essa matéria-prima e ficamos impressionados com sua resistência e durabilidade”, diz Greco. “A madeira é conhecida por sua beleza e qualidade, e entre as suas vantagens estão a alta densidade e resistência à umidade, além da sua cor uniforme e atraente, que pode variar do marrom-avermelhado ao marrom-claro.”

Publicação: Portal Forbes Agro100

Adaptação: Imprensa Mídia Florestal

Entre o céu e o inferno, publicitário planta mogno africano no paraíso

Atividade preserva árvores nativas e reduz a emissão de carbono na atmosfera



Em tempos de sustentabilidade e efeitos de mudanças climáticas, donos de terras buscam alternativas de preservação do meio ambiente, e também assegurando lucros. Nos arredores de Campo Grande (MS), em uma região conhecida como Vale do Paraíso, localizada entre o Ceuzinho e o Inferninho, o silvicultor e publicitário Saulo Flores Sampaio decidiu realizar o sonho de

viver na área rural e buscar algo que garantisse renda. Na época, ouviu falar da produção do mogno africano - árvore nobre plantada pela primeira vez no Brasil há pouco mais de 20 anos, no Estado do Pará, e que é considerada "queridinha" de silvicultores porque preserva florestas nativas do Brasil, tornando-se boa alternativa para evitar o corte de espécies também nobres que, inclusive, correm risco de extinção. Para quem quer investir dinheiro e tempo no cultivo de florestas através do manejo agrícola, para produzir madeira e outros derivados que atendam às necessidades do mercado, o mogno africano é uma boa opção porque oferece retorno após 12 anos do plantio - tempo considera-

do bom para a atividade. Entre as linhas da floresta plantada, Saulo revela que começou uma pesquisa na internet e que fez um curso sobre a atividade até encontrar apoio em uma empresa sediada em Goiás, especializada na produção e venda de mudas, onde conseguiu parte de consultoria e que comprou as primeiras mudas de sua plantação.

“O pessoal da empresa [Selva Florestal] é bem atencioso. Daí foi só comprar a área e separar o hectare para plantar meu sonho. De início, foram 1.200 mudas plantadas e, em 20 anos, devemos colher a primeira leva da produção de madeira”, disse.

Carbono

O produtor acredita que a atividade além de fazer “um bem” à natureza, será uma forma de investir no “pé de meia” de sua família e conquistar a tão sonhada aposentadoria. “A ideia é plantar e espaçar

de três em três anos para que, nestes 20 anos, além de ter o lucro, possa contribuir também com o reflorestamento, a preservação de árvores nativas e reduzir a emissão de carbono na atmosfera”, acrescenta.

Reflorestamento

Com a experiência adquirida no primeiro hectare de mogno, o produtor afirma que irá continuar com o reflorestamento em sua propriedade. “Meu objetivo é sempre melhorar a qualidade da madeira produzida aqui na chácara, além de contribuir de forma humilde para a manutenção do meio ambiente”.

A estratégia, segundo ele, é alcançar a produção de madeira de melhor qualidade, com tronco mais reto, com menos “nós” e padrão exportação. “Para exportar tem que ter uma qualidade mínima, caso contrário, conseguirá vender somente para o mercado local”, comenta.

Linha de crédito

O silvicultor disse que começou a saga indo atrás de linhas de crédito porque teria um investimento inicial alto, desde a compra de mudas, que custaram R\$ 6 cada, além dos gastos com fertilizante, preparo de solo, grade, calcário, fósforo e subsolador, por exemplo.

“O que temos de incentivo são linhas de crédito com um, no máximo dois anos de carência. Para plantar árvores requer um tempo maior porque ‘ela’ só vai começar a dar lucro após 12 anos quando começa a produzir sementes para comercialização. Com os desbastes, a madeira poderá ser vendida para ser utilizada em decoração, escora de construção, por exemplo, e isso já me dará um lucro, mas não o suficiente”, explica.

Pronaf

Nas linhas de crédito como o Pronaf - incentivo do governo federal para a pro-

dução da agricultura familiar -, o tempo de carência para o silvicultor começar a pagar sua dívida é curto e acabaria tendo de tirar dinheiro do próprio bolso. *“Mesmo se fosse beneficiado com o programa, não conseguiria tirar lucro imediato da minha produção para pagar o empréstimo. Hoje não existe uma linha de crédito a longo prazo para o reflorestamento.”*

O publicitário trocou sua rotina totalmente urbana para atuar de forma independente no campo. Até o momento, todo o investimento foi feito com recursos próprios.

“Aqui no estado, fui um dos primeiros a investir no mogno africano. Agora que está aparecendo outros produtores desta cultivar. Acredito que este é o momento para se formar um grupo de silvicultores para reivindicarmos algum tipo de ajuda, de subsídios do governo. É preciso pensar em uma nova política de incentivo para o reflorestamento.”



No Brasil, existe uma Associação Brasileira de Plantadores de Mogno Africano que dá um norte para quem quer começar uma plantação, mesmo que pequena, como a da Chácara Paraíso. *“Em Goiás mesmo, onde eu busquei apoio do projeto e comprei minhas mudas, o mentor deste trabalho faz um sistema assim: se você não tem a terra, não quer plantar, mas quer investir no mogno, você paga para ele fazer todo o processo, inclusive na propriedade dele, e isso requer outro tipo de investimento. Ao invés de investir no merca-*

do financeiro, você investe no mercado de florestas”, orienta o produtor.

ABPMA

A ABPMA (Associação Brasileira dos Produtores de Mogno Africano) foi criada em 2011 e, já nesta época, era meia dúzia de produtores que tinham o mesmo sonho de Saulo - o de fazer o mogno africano se tornar a maior espécie de árvores plantadas no país e no mundo.

De acordo com a associação, hoje há um número expressivo de plantadores que detêm pelo menos um

quarto da quantidade total de mogno plantada no Brasil. A associação está presente em 12 estados, em mais de 47 municípios.

Características

O mogno plantado na Chácara Paraíso tem o nome científico *Khaya senegalensis*. Na natureza, pode atingir de 30 a 35 metros de altura, com diâmetro de 100 a 250 centímetros de diâmetro. Em plantios acompanhados, a espécie cresce entre 1,5 a 2 metros de altura e 2,4 a 3,5 cm de diâmetro por ano, dependendo das características de solo, clima e manejo.

Investimento

Na propriedade foi ocupado um hectare para 1.200 mudas. O publicitário lembra que por falta de experiência, algumas linhas ficaram com mais de 3 metros de espaçamento. *“Poderia ter aproveitado melhor o espaço”*, disse. O investimento inicial foi em torno de R\$10 a R\$ 12 mil.

“Teremos outra adubação em breve. Daqui pra frente, o nível de investimento será apenas para fertilizante e acredito que em menos de 20 anos, que é o prazo para colheita das toras, devo investir mais uns R\$ 5 mil.”

Até o primeiro desbaste de floresta, Saulo acredita que conseguirá entregar árvores “de qualidade” em um mercado novo e ainda pouco explorado no Brasil.

Por Thiago Gonçalves
Publicação: Canal do Boi

**ANUNCIE
AQUI
62 9198-4904**

Isca Formicida

LANDRIN

Grânulos compactos, sem resíduos de pó

Maior tempo de operação com umidade



Alta atratividade: faça o teste comparativo

Indoxacarb 0,24 g/kg + Fipronil 0,02g/kg

TECNOLOGIA DE PRODUÇÃO

G1

G2

G3

www.landrin.com.br



Registrado no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA sob nº 27622

ATENÇÃO: ESTE PRODUTO É PERIGOSO A SAÚDE HUMANA, ANIMAL E AO MEIO AMBIENTE. USO AGRÍCOLA; CONSULTE SEMPRE UM AGRÔNOMO; INFORME-SE E REALIZE O MANEJO INTEGRADO DE PRAGAS; SIGAAS ORIENTAÇÕES DA BULA PARA O DESCARTE CORRETO DAS EMBALAGENS E RESTOS OU SOBRES DE PRODUTOS; LEIA ATENTAMENTE E SIGA AS INSTRUÇÕES CONTIDAS NO RÓTULO E BULA OU FAÇA-OA QUEM NÃO SOUBER LER; UTILIZE OS EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL.



Plantação de cacau sustentável no estado do Espírito Santo / Divulgação: Nestlé

Cacau sustentável: por que o mercado recebeu investimento de R\$ 100 milhões da Nestlé no Brasil

Hoje, 63% das plantações de cacau da companhia são regenerativas, a meta é chegar a 100% em 2025 por meio do programa Cocoa Plan. Veja os chocolates que já usam o cacau 100% sustentável

O ano de 2023 está sendo um período de movimentações para a Nestlé, uma das principais empresas de alimentos do mundo. Boa parte das mudanças giram ao redor do negócio de chocolates.

Há três grandes novidades. A primeira foi o desfecho da compra da marca Garoto, fundada em Vila Velha, no Espírito Santo, em 1929. Há mais de 20 anos de di-

vulgada, a aquisição teve o sinal verde do Cade, órgão federal antitruste, em junho deste ano.

Em setembro, quatro meses após o fim do enrosco envolvendo a marca Capixaba, a Nestlé anunciou a compra do Grupo CRM, dono das marcas de chocolate Copenhagen e Brasil Cacau e da rede de cafeterias Kop Koffe.

A aquisição colocou o segmento de chocolates num lugar bastante relevante na estratégia da Nestlé Brasil. *“O crescimento da categoria chocolate veio muito forte desde a pandemia, tanto que conseguimos acelerar e crescer três anos na frente do que a gente previa,”* afirma Mariana Marcussi, head de marketing de chocolates da Nestlé Brasil.

Agora, a Nestlé aposta em novos processos para a produção do cacau. O mote é tornar a produção da matéria-prima mais sustentável, seja do ponto de vista social, ambiental e, por fim, o econômico.

Em linhas gerais, o cacau sustentável privilegia a matéria-prima vinda de produtores cujo manejo se difere em algumas práticas. Numa dessas fazendas visitadas pela reportagem da EXAME em Linhares, cidade a 137 quilômetros de Vitória, é possível entender na prática a diferença. Por ali, o produtor cuida

da plantação, colheita, fermentação e secagem das amêndoas, além do destino das cascas do cacau. O que diferencia o cacau sustentável é o cuidado: não apenas com a produtividade do fruto, mas também com o meio ambiente e treinamento dos profissionais.

Na plantação, outras culturas, como a seringueira e o mamão, são plantadas juntos com o cacau. Por ser uma planta mais frágil e de estatura menor, o cacau precisa de sombra para poder produzir mais. Ainda no estágio da plantação, os produtores dessa fazenda buscam usar cada vez menos agroquímicos e tem responsabilidade com o uso da água por meio de um novo sistema de recursos hídricos que libera a quantidade exata para cada área plantada do cacau. O processo de secagem da amêndoa também está ficando mais mecanizado, ajudando os produtores a focarem em outras atividades, como manejo do solo, uso das máqui-

nas e na compostagem do casqueiro, que é tratado em uma área reservada e depois aproveitado como adubo. Além desses processos agrícolas, o cultivo deste fruto gera renda



acelerar as iniciativas do programa **“Cocoa Plan no Brasil,”** diz Marcussi.

CONTINUA APÓS A PUBLICIDADE

Cacau sustentável

Para um cacau ser considerado sustentável, são considerados três aspectos: **ambiental, social e econômico**. Por ser um fruto nativo da região Amazônica e um importante gerador de renda para as comunidades, o cultivo do cacau contribui para o desenvolvimento das regiões produtoras, a criação de co-

para a população local, que apesar de estar em terras mais remotas, possui um trabalho digno na cadeia do cacau e treinamentos sobre processos cada vez mais sustentáveis.

Plantação de cacau, planta mais baixa, junto com seringueiras, em uma fazenda em Linhares (ES)

A aposta no cacau sustentável ganhou força em 2023, com os novos e grandes investimentos da empresa no setor de chocolate, além da necessidade do Brasil se tornar autossuficiente em cacau. Apesar dos investimentos recentes, a aposta no manejo sustentável do cacau vem de algum tempo dentro da empresa.

Chamado de **“Nestlé Cocoa Plan”**, o programa chegou no Brasil em 2010 com objetivo de produzir o próprio cacau e de forma sustentável. **“Em 2018, a Nestlé Global anunciou um compromisso de trabalhar com cacau 100% sustentável até 2025. Para atingir essa meta, apostamos R\$ 100 milhões para**

operativas e a melhora na renda e na qualidade de vida de milhares de famílias, segundo Anna Paula Losi, presidente executiva da AIPC (Associação das Indústrias Processadoras de Cacau).

“Além desse aspecto de desenvolvimento social, o plantio do cacau por meio dos Sistemas Agroflorestais (SAFs) e do Sistema Cabruca também tem um papel fundamental, uma vez que permite consorciar a produção de outras espécies ao cultivo do cacau”, afirma Losi, que reforça que assim, em uma mesma área, o produtor pode cultivar não só o cacau, mas também banana, castanha, açaí e outros produtos, aumentando a sua renda e contribuindo para a preservação das espécies daquela região.

Ainda sobre o aspecto ambiental, um estudo da ONG Solidaridad, de 2018, apontou que a floresta de cacau tem capacidade de sequestro de carbono superior ao da floresta con-

vencional. *“Enquanto uma área com cacau sequestra cerca de 120 toneladas de CO₂/ha/ano, a floresta convencional sequestra apenas 6,5 toneladas de CO₂/ha/ano,”* diz Losi.

O baixo acesso do produtor de cacau à **assistência técnica** é outro fator que impacta muito na produção do cacau sustentável, e essa necessidade foi identificada em um estudo realizado pelo Instituto Floresta Viva, com o apoio da iniciativa CocoaAction Brasil, em 2020, sobre o perfil da produção de cacau na Bahia. Apenas 5% dos produtores entrevistados afirmaram ter acesso à assistência técnica regularmente.

Esse estudo acompanhou 2.443 propriedades rurais ao longo de quatro anos e é o primeiro levantamento completo que se tem da atividade cacaueira no estado. *“Com esses dados, as indústrias têm feito investimentos na melhoria da produtividade, assistência técnica e sustentabilida-*

de dos produtores, principalmente dos pequenos produtores, que são aqueles que mais precisam de apoio e incentivo,” afirma Losi.

Para apoiar a causa, a AIPC lançou um e-book compilando os projetos em andamento na cadeia produtiva do cacau. A ideia da publicação é mostrar que o setor vem trabalhando de forma conjunta e constante, para alavancar a produtividade em suas mais diversas frentes.

Ao enxergar esse gargalo na produção nacional do cacau, as indústrias do setor, como empresas processadoras e chocolateiras, se movimentaram e estão investindo e fomentando o cacau sustentável. *“Grande exemplo disso é a iniciativa CocoaAction Brasil, que conta com o investimento das empresas Barry Callebaut, Cargill, Dengo, Harald, Mars Wrigley, Mondelēz International, Nestlé e Ofi,”* diz a presidente da AIPC.

Por ser uma iniciativa que reúne representantes de

todos os elos da cadeia, desde produtores a indústrias, do poder privado ao público, a *“CocoaAction”* se tornou fundamental nesse processo de modernização e crescimento da cadeia produtiva do cacau no Brasil, afirma Losi. *“Todos têm o intuito de debater os desafios e gargalos do setor, por isso é importante buscar, não só na iniciativa privada, mas também com o poder público, ferramentas que contribuam para que o Brasil volte a ser autossuficiente na produção de cacau, a fim de que os produtores tenham acesso à assistência técnica e ao crédito e possam investir na melhoria da produção e da produtividade.”*

Essas necessidades do setor foram identificadas no estudo apenas em 2018, mas os gargalos com a produção do cacau são mais antigos. Na década de 80 a doença conhecida como *“vassoura de bruxa”* derrubou a produtividade do cacau do estado Bahia

pela metade, desde então o Brasil deixou de ser autossuficiente. Com este cenário, em 2009, a Nestlé apostou no programa “Cocoa Plan”, que busca ajudar produtores a produzirem cacau sustentável no Brasil.

O Programa Nestlé Cocoa Plan

Por ter cerca de 40% da participação do mercado de chocolate do Brasil, a Nestlé sentiu a necessidade de apostar mais neste produto que é o segundo da casa em demanda do consumidor. “Dentre os nossos produtos mais consumidos, temos o leite, o cacau e o café. E dentro do mercado brasileiro, a Nestlé é a maior compradora de cacau,” afirma a diretora. Apesar de ter um forte mercado interno, o cacau que consumimos ainda não é 100% nacional e tampouco é sustentável. Com o objetivo de aumentar a produtividade do cacau brasileiro focando em prá-

ticas regenerativas, surgiu o Programa Nestlé Cocoa Plan. *“Temos um pilar muito forte de melhores práticas agrícolas, trabalhando todas as práticas de ESG, e queremos com o Nestlé Cocoa Plan cultivar o cacau de forma sustentável no Brasil,”* diz Marcussi.

Em linha com os processos sustentáveis apresentados pela AIPC, a Nestlé investe em diferentes práticas para produzir um cacau nacional mais sustentável:

Na plantação: essa diversidade de cultura que é plantada junto com o cacau gera novos empregos para a população local, principalmente para as mulheres, que atuam na colheita dessas culturas adicionais. Além disso, a sombra das outras culturas aumenta a produtividade do cacau;

Na distribuição de água: são usados sistemas de irrigação mais eficientes, aproveitando a água de forma mais consciente;

No uso do agroquímico: a aposta é na utilização de controle biológico sempre

que possível, associado a utilização do manejo integrado de pragas e doenças (MIPD);

Na colheita: utilizam mecanização sempre que possível, dando melhor condição de trabalho para os funcionários, principalmente relacionado a ergonomia;

No descarte: todos os resíduos orgânicos são utilizados para realização de compostagem e produção de compostos orgânicos que irão substituir a utilização de fertilizante químico e consequentemente reduzir a pegada de carbono;

Na geração de emprego: os produtores rurais e funcionários são orientados sobre a obrigatoriedade de todas as leis trabalhistas, assim como ter uma condição adequada de trabalho a cada uma das atividades.

No treinamento dos produtores: além de aumentar a rentabilidade do cacau, outra preocupação do programa é o treinamento dos produtores alinhado aos processos de sustentabilidade e produtividade



Tiago Alves da Silva, supervisor agrícola de uma fazenda de cacau localizada em Linhares (ES), mostrando o processo de fermentação das amêndoas

na lavoura.

A companhia que possui boa parte das plantações de cacau nos estados da Bahia e Pará (90%), e o restante no Espírito Santo (5%) e em Rondônia (5%), atualmente têm 63% das plantações de cacau sustentáveis, a meta é chegar a 100% em 2025 por meio do programa Cocoa Plan, segundo a diretora de marketing da Nestlé.

“O que estamos fazendo é garantir o nosso negócio. Queremos continuar crescendo na produção de cacau, porque é uma categoria importante para os consumidores locais, por isso estamos pensando em ter a matéria-prima novamente, mas feita de maneira correta, respeitando as pessoas e o meio ambiente. Não tem como pensar

em futuro sem pensar em responsabilidade com a cadeia que a gente trabalha.” CONTINUA APÓS A PUBLICIDADE.

As marcas mais sustentáveis.

Além das práticas sustentáveis, outro desafio da Nestlé será trabalhar a segregação e a rastreabilidade dessa cadeia, ou seja, quanto de cacau sustentável tem em cada marca de chocolate. Atualmente, por balanço de massa, a diretora Marcussi garante que o Kit Kat é 100% cacau sustentável desde 2016, e que o Alpino, Talento, Prestígio e Batom usam cacau sustentável desde 2022. *“Além dessas marcas, no ano que vem entraremos com a os ovos de Páscoa 100% sustentável, junto com os tabletes, que é o nosso core business, e por fim as caixas de bombons,”* diz a diretora.

O cuidado com a escolha com a matéria-prima pode ser um ponto a ser trabalhado junto com as novas

marcas (Kopenhagen, Brasil Cacau), afirma Marcussi. *“Ainda estamos em processo de tramitação com o Cade, enquanto isso não temos a definição da estratégia com essas grandes marcas, mas tudo que fizer sentido, que tiver sinergia e for para o bem do consumidor, acredito que acontecerá naturalmente, e a escolha da matéria-prima pode ser um dos pontos a serem avaliados.”*

A volta do cacau brasileiro

Com 4 mil fazendas de cacau hoje no Brasil, a Nestlé estima ter um número maior de fazendas em 2025, entre 10 e 14 mil fazendas. *“Com o nosso investimento de R\$ 100 milhões, 70% do valor será para buscar essas fazendas que tem potencial para o cultivo do cacau e os outros 30% será para trabalhar a produtividade, que são projetos de mais longo prazo.”*

Com a emergência do cacau sustentável, após atingir o maior número de fazendas,

em 2025 as prioridades do investimento mudarão. A partir de 2025, a companhia irá inverter essa lógica de primeiro recrutar fazenda e depois a produtividade, diz a diretora da companhia. *“Com um número maior de fazendas, conseguiremos focar na produtividade, que pode demorar de dois e três anos, porque o cacau é uma cultura que demora três anos para produzir. Trata-se de um investimento que nunca foi feito na Nestlé.”*

Com projetos como o Cocoa Plan, a expectativa é que o Brasil se torne um dia autossuficiente em cacau sustentável. Atualmente, o Brasil está em 6º lugar sendo responsável por 4,20% da produção mundial, de acordo com o International Cocoa Organization (ICCO).

Em 1º lugar está a Costa do Marfim, como o maior pro-

ductor de cacau do mundo responsável por 44,15% da produção mundial. Em seguida vem Gana, segundo maior produtor com 15,05%, Equador com 8,01%, Camarões com 5,82%, Nigéria com 5,61% e Indonésia com 3,60%. *“Se toda a indústria de chocolate, não só a Nestlé, puxar essa cultura, conseguimos ser autossustentável com a produção de cacau e pelas projeções acredito que conseguimos atingir esse objetivo em 4 anos ou no máximo 10 anos,”* afirma Marcussi.

**A jornalista viajou a convite da Nestlé Brasil.*

Layane Serrano: Repórter Formada em jornalismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Com experiência em comunicação corporativa, produção de TV e redação, ajudou na estreia da CNN no Brasil e atualmente escreve sobre Carreira e Negócio na Exame.

Publicação Revista Exame

ANUNCIE
AQUI
62 9198-4904

DIA DE CAMPO



SENAR⁺
Carne



Estratégias essenciais para produção competitiva de carne
IATF na pecuária de corte, fazer ou não?
Porque corrigir e adubar pasto?
Tecnologia como aliada na pecuária de precisão



11 de novembro 2023

Produtor:
Ubirajara Costa Filho
Local:
Fazenda Santa Maria 2
Horário:
8h
Município:
Formoso

Realização:



Patrocínio:



SAGA



ARAGUAIA



NOGUEIRA

belgo



Nova onda de calor atingiu o Brasil em outubro

A forte onda de calor que acometeu o país na segunda quinzena de setembro voltou em outubro. A previsão de que as temperaturas continuassem acima da média para o mês na maior parte do Brasil se confirmou.

As temperaturas ficaram de 2°C a 3°C acima da média dos registros dos anos anteriores na maior parte do país – em estados das regiões Norte, Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste –, e até 1°C acima da média



Queimadas e destruição da Amazônia - Foto: Greenpeace

O mês de outubro é conhecido por ser tipicamente quente, com registros de temperaturas extremas. Mas neste ano, a presença do El Niño levou o país a mais uma onda de calor, segundo mostra uma análise da empresa de meteorologia Climatempo.

na região Sul e no norte do Amazonas. Áreas de Mato Grosso, Pará, Tocantins, Maranhão, Piauí e Oeste da Bahia foram as mais afetadas, com temperaturas médias superando os 29°C.

Mas o calorão também atingiu em cheio Goiás e o

Distrito Federal. Por outro lado, os dias consecutivos de chuva devem amenizar as temperaturas em algumas localidades do sul de Mato Grosso do Sul e parte do Sul do país. Para essas áreas, é esperado que os termômetros fiquem abaixo dos 20°C, ligeiramente abaixo da média para esta época do ano.

Onda de calor influenciada pelo El Niño

O fenômeno climático El Niño ocorre quando há um aumento anormal da temperatura superficial do oceano Pacífico na altura da linha do Equador, o que altera a evaporação da água e a circulação dos ventos, causando um efeito em cadeia no clima. Além de elevar os termômetros, o El Niño também provocou o aumento das chuvas nos Estados do Sul do País e intensificou a seca no Norte e Nordeste.

Seca e chuva

A seca em parte do país continuará a preocupar. A previsão do Inmet é de chuva abaixo da média histórica nas regiões Norte e Nordeste.

Nos estados do Nordeste do país e no Norte da região amazônica, o volume de chuva deve ser inferior a 70 milímetros. Já na faixa Oeste e em áreas do Sul da região Norte, a chuva pode ficar próxima e ligeiramente acima da média histórica, com previsão de 140 mm. Para as regiões Centro-Oeste e Sudeste, a previsão do Inmet é de retorno gradual da chuva, principalmente em parte do Mato Grosso do Sul, São Paulo e parte de Minas Gerais, com volumes inferiores a 160 mm. Nas demais áreas, a tendência é de chuva abaixo da média, com acumulados inferiores a 100 mm.

Por Bethânia Nunes
Portal Metrôpoles
Adaptação e atualização:
Imprensa Mídia Florestal

Norte do País em ALERTA



O estado do Amazonas já enfrenta a quarta maior seca da sua história, de 69 municípios, 59 estão em estado de alerta e 13 estão em estado de emergência. A grave seca que enfrenta a região Norte do País está causando impacto na vida dos moradores, com águas rasas as navegações estão operando em capacidade reduzida, dificultando assim o fornecimento de comida, água e medicamentos, além desse impacto social, a fauna e a flora já sentem as consequências desse efeito climático.

O setor elétrico está em estado de atenção. A vazão dos rios nas principais hidrelétricas da Amazônia está abaixo da média histórica. Algumas, como a de Jirau e Santo Antônio, localizadas no Rio Madeira, em Rondônia, operam com vazão equivalente a 15% da média. Na usina de Belo Monte, no Pará, o índice chega a 10% da sua capacidade. Em nota a Defesa Civil informou que a seca está intensificando a cada dia. <https://www.terra.com.br/noticias>.

Expediente

MÍDIA FLORESTAL

Diretora Geral: Thais Cesario

Editor Geral: Jornalista Luiz Carlos Rodrigues - RP 539 - DRT-Goiás

Diretor de Arte: Edivaldo Lemes

Atendimento

comercial@selvaforestal.com

☎ (62) 3362-1814

Endereço: Rua 31, Qd. 38, Lt. 34 - Cidade Jardim, Porangatu - Goiás

Selva Florestal

Rodrigo Azevedo - CEO

Thais Cesario - Desenvolvedora de Negócios


Athos V. Borges - Diretor de Marketing

www.selvaforestal.com

Siga-nos:

 [selvaforestal](#)

 [@selvaforestalreflorestamento](#)

 [@SelvaFlorestal](#)

